

DOIS TIPOS DE POSSIBILIDADES METAFÍSICAS

Rodrigo Reis Lastra Cid¹

RESUMO:

Neste ensaio, pretendemos mostrar o que é a possibilidade metafísica, distinguindo-a da possibilidade lógica e da possibilidade física, e depois indicar que há pelo menos dois tipos de possibilidades metafísicas, a saber, as potencialidades das coisas e as possibilidades de ocorrência de eventos. E isso é um objetivo importante, pois torna mais clara a discussão sobre possibilidades. Para indicar o que é a possibilidade metafísica, tentarei mostrar que é preciso uma modalidade absoluta para o debate sobre o que é possível não seja trivial. E para indicar que há dois tipos de possibilidades metafísicas, mostrarei que podemos falar de modo independente dessas duas noções de possibilidade, e que o debate sobre determinismo e indeterminismo pressupõe essa distinção. A conclusão que chegamos é que há realmente esses dois tipos de possibilidades metafísicas, e que, se não quisermos ser ambíguos, teremos boas razões para utilizarmos essa distinção em nossas teorias sobre possibilidades.

Palavras-Chave: Metafísica. Modalidade. Possibilidades Metafísicas.

ABSTRACT:

In this article, I intend to show what the metaphysical possibility is, distinguishing it from the logical and the physical possibilities, and then to indicate that at least there is two kinds of metaphysical possibilities, i.e., the potentialities of the things and the possibilities of the events to occur. This is an important goal because it makes clearer the discussion about possibilities. To show what the metaphysical possibility is, I try to show that we need an absolute modality for the debate about what is possible do not be trivial. And to indicate that there are two kinds of metaphysical possibilities, I show that we can talk independently about these two notions of possibility, and that the debate between determinism and indeterminism presupposes such distinction. The conclusion we achieve is that there really are these two kinds of metaphysical possibilities, and that if we don't want to be ambiguous, we have good reasons to use such distinction in our theories about the possibilities.

Key-Words: Metaphysics. Modality. Metaphysical Possibilities.

Introdução

Quando nos perguntamos o que é possível e o que é impossível, enveredamos em uma série de questões sobre as modalidades da possibilidade e da necessidade. Uma primeira noção que temos de possibilidade é a possibilidade lógica: tudo que não for uma contradição ou que não for redutível a uma contradição é possível logicamente. Esse é um domínio bastante amplo das possibilidades; ele permite que sejam possíveis tanto as possibilidades que acreditamos serem realmente possíveis, como as possibilidades que não acreditamos serem realmente possíveis – como “ser possível que o meu avô seja a minha avó”. No domínio das

¹ Mestrando em Lógica e Metafísica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

possibilidades lógicas só é logicamente impossível algo da forma “P e não-P” ou “Px e não-Px”, ou algo redutível a uma dessas formas. O que é logicamente impossível é o que necessariamente não é o caso, para qualquer estado de informação que se encontre o sujeito; isso é, logicamente, o necessariamente falso. E o que é necessariamente verdadeiro, logicamente, é tudo que é uma tautologia ou que pode ser reduzido a uma. Como nos lembra Murcho (2002), quando tomamos essa noção lógica de possibilidade e de necessidade, a questão de Hume sobre se é possível que o sol não nasça amanhã torna-se trivial. Pois é claro que é logicamente possível que o sol não nasça amanhã, afinal isso não é uma contradição nos termos e nem pode ser reduzida a uma. Se não queremos falar trivialidades, queremos, com a questão “é possível que o sol não nasça amanhã?”, falar sobre alguma outra coisa que não a possibilidade lógica.

Para fazer com que essa questão e sua resposta não fossem triviais, os filósofos começaram a falar de possibilidades físicas. Estas eram distintas das possibilidades lógicas. Algo é possível fisicamente se, e só se, pudermos imaginar um mundo com as mesmas leis da física que o nosso em que esse algo ocorre, ou melhor, na linguagem dos mundos possíveis, P é fisicamente possível se, e só se, existe um mundo fisicamente possível em que P é o caso. E P é impossível fisicamente se, e só se, não existe um mundo fisicamente possível no qual P é o caso. Se P é impossível fisicamente, P fisicamente necessariamente não é o caso, ou seja, P é necessariamente falso. Mas se, e só se, em todos os mundos fisicamente possíveis P for o caso, então P é fisicamente necessariamente verdadeira. Esta noção de possibilidades e necessidades físicas parece à primeira vista uma saída interessante para evitar a trivialidade da pergunta sobre se é possível que o sol não nasça amanhã, pois não queremos saber se é logicamente possível que ele não nasça, queremos saber se é realmente possível que ele não nasça.

Ao falarmos de possibilidades lógicas e possibilidades físicas, restringimos alguma parte do universo das possibilidades, ou melhor, tornamos a possibilidade relativa: relativa às leis da lógica e relativa às leis da física, respectivamente. Embora, como eu disse, pareça que as possibilidades físicas evitem a trivialidade da pergunta sobre se é possível que o sol não nasça amanhã, dizer que elas o fazem, pressupõe que a natureza intrínseca do mundo se reduz às leis da física e ao que for dedutível delas, pois faz com que as leis da física sejam necessárias por estipulação (Edgington, 2004). Uma teoria da modalidade não pode pressupor que as leis da física fazem parte dessa natureza intrínseca.

Para sairmos, então, da relatividade das possibilidades e falarmos de uma

possibilidade absoluta, sem pressupor que a natureza intrínseca do mundo é redutível às leis da física, temos que falar da possibilidade metafísica. A distinção entre modalidades relativas e absolutas é que se P é relativamente possível/necessário, não se segue que P é realmente possível/necessário; mas se, e só se, P é absolutamente possível/necessário, segue-se que P é realmente possível/necessário.

Possibilidades Metafísicas

Esse realmente possível é o metafisicamente possível: só se P ocorre em algum mundo com a mesma natureza intrínseca do nosso mundo, P é metafisicamente possível. P é metafisicamente impossível se, e só se, P não ocorre em nenhum mundo que possamos conceber que tenha a mesma natureza intrínseca que o nosso, ou seja, se P não ocorre em nenhum mundo metafisicamente possível. E se P não ocorre em nenhum mundo metafisicamente possível, P é metafisicamente necessariamente falsa. Metafisicamente, P será necessariamente verdadeira, se for o caso em todos os mundos metafisicamente possíveis. O que nos faltaria agora descobrir é quais são os mundos metafisicamente possíveis, ou seja, teríamos que descobrir como são os mundos com a mesma natureza intrínseca que o nosso: os tipos de coisas, relações, leis, eventos etc., que são partes da natureza intrínseca do mundo, em suas diversas combinações possíveis.

Será que essa concepção do metafisicamente possível consegue tornar não trivial a questão de Hume? Quando perguntamos se é possível que o sol não nasça amanhã e respondemos falando de combinações possíveis dos elementos de um sistema com a mesma natureza intrínseca do nosso mundo, estamos falando que podemos conceber um mundo com a mesma natureza intrínseca que o nosso onde o sol não nasce. O problema é que isso ainda não é dizer nada sobre amanhã. Quando sabemos sobre essas combinações, o que sabemos são as potencialidades ou disposições de um sistema, e não quais são os eventos possíveis de ocorrer. As combinações possíveis dos elementos de um sistema são possibilidades pensadas fora de uma cadeia causal, enquanto a possibilidade de ocorrência de eventos, por sua própria natureza, não pode estar fora de uma cadeia causal. Esses são os dois tipos de possibilidades metafísicas que aludi no resumo: as possibilidades de combinações dos elementos de um sistema, as quais chamarei de “potencialidades”, e as possibilidades de ocorrência dessas combinações num certo tempo no sistema, as quais chamarei de “possibilidade de eventos”.

Esses são dois sentidos de “possibilidade metafísica”. Ambas, as potencialidades dos

sistemas (ou de seus elementos) e as possibilidades dos eventos, de alguma forma, fazem parte da natureza intrínseca do mundo e podem ser opostas a algo meramente epistêmico; por isso são metafísicas. Elas são possibilidades, pois ambas podem ser pensadas através do vocabulário dos mundos possíveis. E elas são dois tipos diferentes, pois podemos falar sobre essas duas possibilidades independentemente uma da outra, de modo que podemos aceitar que uma é verdadeira, enquanto aceitamos que a outra é falsa. É isso que tentarei mostrar agora: que essas possibilidades são independentes uma da outra e que isso é o suficiente para que se constituam tipos de possibilidades diferentes.

Assim, por exemplo, quando afirmamos uma sentença tal qual “é possível que esta árvore seja cortada”, há duas coisas que poderemos estar querendo dizer: ou algo sobre uma potencialidade da árvore, ou algo sobre a ocorrência de um evento envolvendo a árvore. Se estivermos falando algo sobre a árvore, estaremos falando que ela é de tal modo que possibilita que a cortem, ou seja, que ela é cortável. E se estivermos falando algo sobre um evento do qual a árvore faz parte, estaremos dizendo simplesmente que é possível num certo tempo que ocorra o evento de a árvore ser cortada.

Um pensador descuidado pode não notar nenhuma diferença entre esses dois sentidos de “possibilidade”. Entretanto, a diferença é muito grande! A possibilidade de um evento envolvendo a árvore só está plenamente especificada se tiver um determinador de sua posição na sequência causal de um certo sistema: temos que falar sobre a possibilidade de ocorrer o evento de a árvore ser cortada num tempo t . A potencialidade que um objeto, propriedade ou sistema tem está plenamente especificada sem tais determinadores. Uma árvore é cortável, independente de se é possível o evento de ela ser cortada nos próximos cinco minutos. O fato de ela ser cortável implica apenas que o evento de ela ser cortável é possível, mas possível apenas como uma potencialidade do sistema, e não como uma possibilidade de evento – pois tal evento é dito como possível, mas pensado fora de uma cadeia causal. Isso significa que, por mais que isolemos essa árvore de todo objeto cortante durante toda a sua vida, será metafísico-potencialmente possível que a árvore seja cortada, mas não será metafísico-eventualmente possível que a árvore seja cortada, ou seja, será uma potencialidade do sistema que a árvore seja cortada, mas não um evento possível². A possibilidade metafísico-potencial

² Já em 1946, Kecskenèti já distinguiu essas duas formas de falar de possibilidades, como o falar sobre a possibilidade de um evento individual localizado no espaço e no tempo e a possibilidade como potencialidades de sistemas com graus de liberdade. Ele acredita que apenas as potencialidades forneçam juízos modais significativos, pois não colapsam com a atualidade. Ele deve pensar assim por imaginar que o determinismo é verdadeiro, pois claramente os juízos sobre possibilidade de eventos são significativos. E outro problema é que uma semântica da modalidade não pode pressupor uma teoria sobre o determinismo. Ela deve permitir tal debate.

é uma potencialidade, é uma propriedade de algo, uma propriedade disposicional. A possibilidade de evento não é uma propriedade de algo; ela é a indicação da chance de um evento ocorrer na sequência causal de um sistema.

A questão de Hume não pode ser plenamente respondida pela possibilidade metafísico-potencial, pois não queremos saber se é uma combinação possível para a natureza intrínseca do nosso mundo não haver Sol. O que queremos saber é se dado a sequência dos acontecimentos na cadeia causal formadora do nosso mundo, o que é possível? O que é possível de ocorrer amanhã? Será que é possível o Sol não nascer amanhã? Uma diferença que podemos perceber entre os dois tipos de possibilidades é que o que nos permitiria falar de possibilidades metafísico-potenciais seriam as características das coisas, enquanto o que nos permitiria falar algo sobre possibilidades metafísico-eventuais é o fluxo dos acontecimentos e suas normas. Se, for possível o evento da árvore ser cortada amanhã de manhã, isso será algo que dependerá de outras coisas que não as que o “ser cortável” da árvore depende. O ser cortável da árvore depende das características físicas da árvore, enquanto o evento de ela ser cortada amanhã de manhã depende de, entre outros fatores, alguém precisar ou ter vontade de cortar a árvore.

Tentei mostrar até agora que há uma grande diferença entre falar de uma potencialidade (possibilidade metafísico-potencial) e de uma possibilidade de evento (possibilidade metafísico-eventual). Talvez uma das maiores diferenças seja que apenas a possibilidade de eventos permite que entremos na questão sobre a verdade do determinismo. Dado todas as condições e normas de um certo sistema num tempo t_1 , o evento que ocorrerá em t_2 é necessário? Ou: ele poderia não ter ocorrido? Esse “poderia” não pergunta nada sobre combinações possíveis para a natureza intrínseca de um certo sistema. Ainda que soubéssemos todas as combinações possíveis para os elementos da natureza intrínseca do sistema, a pergunta sobre a possibilidade do evento em t_2 ainda seria pertinente.

O que isso indica é que a discussão sobre quais possibilidades de eventos há é intimamente influenciada pela discussão sobre a verdade do determinismo. Se formos indeterministas, frente a condições indeterminísticas em t_1 , mais de um evento será possível de ocorrer em t_2 . Mas se formos deterministas (de um tipo bem forte), então apenas um evento será possível de ocorrer em t_2 , e este será de fato necessário. Entretanto, sendo deterministas ou indeterministas, teremos que aceitar que as coisas e os sistemas têm potencialidades. É justamente pelo fato de as coisas terem potencialidades, que se efetivam quando as causas para tal estão presentes, que surge o debate sobre a verdade do determinismo, sobre

causalidade indeterminista etc. A importância disso para nós é que nos mostra que falamos de duas coisas diferentes – porque é somente aceitando-se que existem potencialidades que se inicia o debate sobre possibilidades de eventos –; o que é mais uma razão para pensarmos que realmente existem dois tipos de possibilidades metafísicas.

Penso ter dado boas razões para percebermos que a possibilidade metafísico-potencial é independente da possibilidade metafísico-eventual de modo a serem objetos diferentes. Mas dado esses dois tipos de possibilidades metafísicas, é possível fazer sentido dos nossos operadores modais e do vocabulário dos mundos possíveis? Acredito que sim, mas em cada caso haverá uma semântica própria a cada tipo de possibilidade. Já que, para falar sobre a possibilidade metafísico-potencial, começamos com uma explicação utilizando mundos possíveis, é interessante tentar utilizá-los também para falar sobre a possibilidade metafísico-eventual. Pretendo falar sobre isso agora.

Relembrando a possibilidade metafísico-potencial e a necessidade metafísico-potencial: um objeto ou sistema tem uma potencialidade se há um mundo metafisicamente possível – uma combinação dos elementos da natureza intrínseca do nosso mundo – onde essa potencialidade do objeto ou sistema está efetiva, ou seja, onde essa possibilidade é o caso. E só se não há mundos metafisicamente possíveis onde essa potencialidade é o caso, que essa potencialidade seria metafisicamente impossível, ou seja, necessariamente falsa. O que quer dizer que para qualquer combinação da natureza intrínseca do mundo, essa potencialidade nunca é o caso. Se ela for o caso em todos os mundos metafisicamente possíveis, ela é necessariamente verdadeira, ou seja, se para qualquer combinação dos elementos da natureza intrínseca do mundo, existe essa potencialidade, ela é necessariamente verdadeira. E sobre a modalidade metafísico-eventual, nossos mundos possíveis teriam que ser algo mais do que combinações de elementos da natureza intrínseca do mundo; teriam que ser as sequências causais possíveis. Se ontem não fui dormir mais cedo e se é possível que ontem eu tenha ido dormir mais cedo, então pelo menos haverá um mundo metafisicamente possível, que não é o mundo atual, onde eu fui dormir mais cedo ontem, e existirá um mundo possível onde não fui dormir mais cedo ontem (e este será o mundo atual). Um mundo possível onde ocorre a possibilidade de o evento de eu dormir mais cedo ontem é um mundo possível com a mesma história que o atual até o ponto de eu escolher dormir mais cedo. A “mesma história” é exigida para que possamos indicar determinadores temporais transmundiais. Assim, um evento Y é metafísico-eventualmente possível em t se há um mundo idêntico em história ao atual, onde Y ocorre em t. Um evento Y não é metafísico-eventualmente possível em t se em

nenhum dos mundos idênticos em história ao atual até t Y ocorre em t.

Conclusão

Vimos até aqui mostrando como traçar a distinção entre dois tipos de possibilidades. Mostramos que existem as possibilidades relativas: lógica e física. E que, para sair do impasse da relativização da possibilidade, e responder a pergunta sobre o que é de fato possível, tivemos que falar de uma possibilidade absoluta. E foi aí que entrou o metafisicamente possível. Tudo que é metafisicamente possível é de fato possível, e o metafisicamente possível é o que é possível, dado a natureza intrínseca do mundo. Outro motivo para falarmos de metafisicamente possível é que podemos opor a possibilidade metafísica à possibilidade meramente epistêmica; mas esse motivo não foi explorado neste artigo³.

Mostramos, então, que a pergunta sobre o que é metafisicamente possível se divide em dois tipos, conforme estejamos falando das potencialidades das coisas ou das possibilidades dos eventos. Na potencialidade, levamos em conta a natureza intrínseca do mundo e de seus elementos, e pensamos nas combinações possíveis entre esses elementos. Contudo, isso não leva em conta que a ocorrência de qualquer uma dessas combinações deve se encontrar na cadeia causal formadora do mundo em questão. E, quando falamos das possibilidades de eventos, falamos da possibilidade de certa continuidade na sequência causal que forma o nosso mundo. São sobre as possibilidades de eventos que a discussão sobre determinismo e indeterminismo versa, e não sobre as potencialidades das coisas ou dos sistemas. Ambos terão de aceitar que as coisas têm potencialidades (na forma de propriedades disposicionais), mas ainda faria sentido perguntar se há chance de mais de um evento ocorrer num tempo t.

Além disso, ainda podemos fazer sentido dos operadores modais utilizando o vocabulário mundos possíveis com ambas as concepções de possibilidade metafísica: a possibilidade metafísico-potencial, ou melhor, a potencialidade (de sistemas ou coisas), e a possibilidade metafísico-eventual, ou seja, a possibilidade de eventos. Acredito que com tudo isso em vista, temos boas razões para começar a utilizar essa distinção em nosso vocabulário modal. E penso que isso é útil, pois evita erros de interpretação em frases como “é possível que esta árvore seja cortada”: se adicionarmos determinadores temporais, então estará claro que não estamos falando de potencialidades, mas sim de possibilidade de eventos.

³ Não exploramos essa distinção, pois a discussão que travamos se passa dentro do domínio das possibilidades metafísicas e, portanto, pressupõe que haja tal distinção. Para quem se interessar, verá uma boa defesa da distinção entre modalidades metafísicas e modalidades epistêmicas em Edgington, 2004.

Referências Bibliográficas

BIRD, A. “Necessarily, salt dissolves in water”. *Analysis*: vol. 61, n. 4, 2001, pp. 267-74.

_____. “Potency and Modality”. *Synthese*: vol. 149, 2006, pp. 491-508.

CID, Rodrigo. Sobre meras possibilidades. *III Colóquio Internacional de Metafísica*. Natal: UFRN, 2009.

EDGINGTON, D. Two kinds of possibility. *Proceedings of The Aristotelian Society, Supplementary Volume*: 78, n. 1, 2004, pp. 1-22.

KECSKEMÉTI, P. On the Interpretation of Modalities. *Philosophy and Phenomenological Research*: vol. 7, n. 1, 1946, pp. 161-3.

KRIPKE, S. *Naming and Necessity*. Cambridge: Harvard University Press, 1972.

MURCHO, D. *Essencialismo Naturalizado: aspectos da metafísica da modalidade*. Coimbra: Angelus Novus, 2002.

_____. “Possibilidade Relativa: Três Concepções”. In: *Linguagem, Mente e Acção*, org. de Adriana Silva Graça. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Encontrado como artigo eletrônico em http://dmurcho.com/docs/fil_3possrela.pdf em 27/06/2009.

SOBER, E. “Liberdade, Determinismo e Causalidade”. Arquivo eletrônico encontrado em http://criticanarede.com/eti_livrearbitrio.html e acessado em 06/03/2009.